



*Mens Agitat, vol. 14 (2019)38-41 . ISSN 1809-4791*

38

## O perísprito na obra de De Rochas: algumas conjecturas

Robson Fernandes de Farias

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Cx. Postal 1664, 59078-970, Natal-RN. [robdefarias@yahoo.com.br](mailto:robdefarias@yahoo.com.br)*

**Abstract** In the present work, a discussion about the physical nature of the perispírito, such as described in the experimental results obtained by De Rochas, are described. Based on those results, some conjectures about the nature and physical properties of the perispírito are presented. It is proposed that quantum mechanics (or some sort of related theory) could be employed to investigate, describe and predict the physical properties of the perispírito.

**Keywords:** Spiritism, perispírito, de Rochas, physical properties, quantum mechanics

### INTRODUÇÃO

Como lecionou Kardec, o perísprito é o “envoltório” da alma, atuando como intermediário entre esta e o corpo físico. Contudo, resta a fundamental pergunta: não seria, por sua vez, o perísprito, dividido em (quantas ?) partes ? A resposta mais natural nos parece um sim, visto que, tendo a função de “ligar-se” tanto à alma (quintessenciada por natureza) quanto ao corpo físico (material por natureza), o perísprito deve possuir, por uma questão de afinidade, propriedades tanto de uma quanto do outro. Logo, num primeiro momento, podemos imaginar o perísprito como subdividido em pelo menos duas partes (nada impedindo que cada uma dessas partes seja, por sua vez, subdividida também em outras, etc.): uma com maior afinidade com a alma, e outra com maior afinidade com o corpo físico.

Longe de ser mera “cobertura” do espírito, o perísprito tem muitas e fundamentais propriedades. Em se tratando de mediunidade e passes Espíritas, por exemplo, o papel desempenhado pelo perísprito é preponderante.

Diferentemente do que acontece na química e na física, por exemplo, em que experimentos podem ser repetidos, etc. e, assim, muitos dados experimentais obtidos

num passado distante são abandonados, passando a constituir-se em mera curiosidade histórica ou, quando muito, objeto não mais da ciência propriamente dita, mas de sua história, o mesmo não se passa nem pode passar-se com o Espiritismo.

Isso, não pelas razões óbvias de que os espíritos não são como substâncias químicas e utensílios de laboratório sempre aptos ao pronto emprego, a critério do pesquisador, mas igualmente pela circunstância de que muitos experimentos simplesmente não podem ser reproduzidos, visto que as condições sob as quais aconteceram (incluindo-se aí o espírito desencarnado e/ou o médium envolvidos) não mais estão disponíveis. Assim, todo e qualquer dado experimental (desde, é claro, que possa ser tido como confiável), pode e deve ser aproveitado, a fim de constituir-se, “da soma” de todos esses dados, uma imagem mais exata do objeto em estudo (no nosso caso, o perísprito). Logo, em se tratando de Espiritismo científico, todos os dados experimentais disponíveis são úteis e, não obstante há muitos obtidos, atuais.

Já nos advertia Kardec<sup>1</sup>:

<sup>1</sup> A. Kardec, *O livro dos médiuns*, FEB, Brasília, 2006, p. 51.

*Para, no ensino do Espiritismo, proceder-se como se procederia com relação ao das ciências ordinárias, preciso fora passar revista a toda a série dos fenômenos que possam produzir-se, começando pelos mais simples, para chegar sucessivamente aos mais complexos. Ora, isso não é possível, porque possível não é fazer-se um curso de Espiritismo experimental, como se faz um curso de Física ou de Química. Nas ciências naturais, opera-se sobre a matéria bruta, que se manipula à vontade, tendo-se quase sempre a certeza de poderem regular-se os efeitos. No Espiritismo, temos que lidar com inteligências que gozam de liberdade e que a cada instante nos provam não estar submetidas aos nossos caprichos. Cumpre, pois, observar, aguardar os resultados e colhê-los à passagem.*

Destaquemos, ademais, o “descompasso” entre a evolução das ciências (física, química, etc.) e o interesse em pesquisas científicas sobre a natureza do espírito e do perispírito: em meados-final do século XIX, quando houve maior interesse nessas pesquisas, as ciências ainda não dispunham das teorias e técnicas (equipamentos, aparelhos) que hoje possui e que, por certo, seriam de grande utilidade se colocados à disposição de pesquisas de natureza espiritualista, metapsíquica, ou como queira-se denominar. Hoje, com as teorias, técnicas/aparelhos disponíveis, já não há o dito interesse. Ou seja, quando a ciência queria, ainda não podia, e hoje que pode, parece já não querer.

Em seção dedicada à composição química do ectoplasma, Hernani Guimarães Andrade faz comentário que aplica-se ao Espiritismo científico, em geral<sup>2</sup>:

*Poucos são os investigadores da estatura de William Crooks, de Richet ou de Zöllner que se dedicam atualmente à pesquisa dos fenômenos supranormais. E, mesmo os que existem, devem arrostar com dificuldades imensas para a realização de seus trabalhos.*

***Por seu turno, parece haver grande falta de bons médiuns, tão abundantes naqueles tempos.*** (grifo nosso).

De toda sorte, é, não raro, em dados experimentais obtidos há um século ou mais, que precisamos, muitas vezes, nos amparar para certas discussões sobre a natureza do perispírito, por exemplo.

No presente artigo, nos propomos a, com base em dados publicados por De Rochas [1], elaborar algumas conjecturas acerca da natureza e propriedades do perispírito.

O perispírito, não obstante sua clara e inequívoca importância, trata-se de elemento ainda relativamente pouco estudado e compreendido, o que justifica o presente e futuros artigos sobre o tema.

## O PERISPÍRITO NA OBRA DE DE ROCHAS: ALGUNS FATOS E NOSSAS CONJECTURAS

Em “As vidas sucessivas” [1] Albert de Rochas<sup>3</sup> nos traz algumas valiosas informações/dados experimentais sobre a natureza e propriedades do perispírito (de Rochas o chama de “corpo astral”).

Algumas informações preliminares são necessárias, como segue:

- a) No livro, de Rochas estuda as memórias de vidas passadas (e futuras) de diversos *sujets*;
- b) O estudo é efetuado colocando-se os *sujets* em estado de “sono magnético” mediante técnicas do chamado magnetismo animal (marcadamente passes longitudinais e transversais);
- c) Assim, quando fizermos, aqui, referência ao perispírito, estaremos a falar do perispírito de encarnados, tal como foram vistos quando desdobrados.

Tendo em vista que muitas informações encontram-se distribuídas ao longo de todo o livro (com algumas delas repetindo-se, quando do estudo de diferentes *sujets*), não faremos aqui referência a páginas específicas, etc., por enfadonho.

Segue o resumo das propriedades observadas para o perispírito:

- a) Nos primeiros estágios do desprendimento (desdobramento) do perispírito, o mesmo encontra-se “dividido” em duas metades (idênticas ao formato do corpo, etc.): uma parte azul, que fica à direita do *sujet* e uma parte vermelha, que fica à esquerda do *sujet*; (esse o posicionamento mais comum, embora em alguns *sujets* a ordem possa apresentar-se invertida: azul à esquerda e vermelho à direita);
- b) Na sequência do desdobramento, esses dois “fantasmas” reúnem-se em um só, o qual apresenta a mesma forma do corpo físico do *sujet*;
- c) O perispírito liga-se ao corpo físico por meio de um “laço luminoso”, “cordão fluídico” que sai da cabeça do corpo físico;

<sup>2</sup> H.G. Andrade, *A teoria corpuscular do espírito*, Casa Editora Espírita Pierre-Paul Didier, Votuporanga, 2012, p. 302.303.

<sup>3</sup> Eugène Auguste Albert de Rochas d’Aiglun (1837-1914).

- d) Em alguns caso observou-se, no meio desse “laço”, uma espécie de bola luminosa (mais luminosa que o restante do “laço”);
- e) O perísprito apresenta-se, nas fases iniciais do desdobramento, em “camadas” em tono do corpo físico, sendo que essas “camadas” são sensíveis ao toque (por exemplo, ao beliscar uma dessas camadas, o indivíduo sente o “beliscão”), havendo, entre elas, zonas de insensibilidade;
- f) A sensibilidade das “camadas” diminui à medida que elas afastam-se do corpo físico, e a distância entre duas camadas sensíveis parece aumentar progressivamente (a distância da terceira para a segunda é maior do que a distância da segunda para a primeira, etc.);
- g) Muito embora não possa ser enxergado (salvo pelo próprio *sujet* ou por um médium vidente), o perísprito (desdobrado) possui as propriedades (ao menos uma) ópticas da radiação eletromagnética visível, uma vez que reflete-se no espelho;
- h) Uma vez desdobrado por completo o perísprito, o *sujet* é capaz de dar, a ele, a forma que desejar<sup>4</sup>.

Essa última constatação à qual chegou de Rochas em seus estudos, nos leva a uma séria conjectura/indagação: seria possível que, em alguns casos de materialização, o espírito desencarnado que materializa-se ser, em verdade, o perísprito do médium, que tomou a forma do desencarnado, isso é, estaria o médium, ao concentra-se na figura do desencarnado, involuntariamente dando, ao seu próprio perísprito, a forma daquele ?

Aliás, o próprio de Rochas a levanta:

*(...) Ela exterioriza, no estado de vigília, por um simples esforço da vontade, seu corpo astral ou alguma coisa análoga. Outra pessoa não pode vê-lo. Ela pode dar a essa substância exteriorizada a forma que deseja. Pode, inclusive, materializar seu pensamento e torná-lo visível a sensitivos. É assim que, pensando fortemente em mim ou numa pessoa cujo retrato encontra-se dentro do cômodo, sua amiga Joséphine, que é bastante sensível, vê desenhar-se no espaço seja seus traços, seja os do retrato, sem saber em que*

<sup>4</sup> Esse “poder criador” do espírito, apenas pela atuação do pensamento, é ainda muito mais pronunciado em espíritos desencarnados, como ilustrado pelos inúmeros casos coligidos por Ernesto Bozzano no seu *A crise da Morte* (Editora do Conhecimento, Limeira, 2010).

*pensava Louise. Concebe-se então que, se ela participasse de uma sessão espírita em que se desejasse o aparecimento de uma pessoa que ela mais ou menos conheceu, ela poderia formar sua aparência e torná-la visível aos sensitivos. Talvez mesmo, se ela ficasse suficientemente reforçada por uma corrente, pudesse impressionar placas fotográficas, produzir impressões ou tornar as pessoas visíveis para todo mundo.*



Fig. 1. De Rochas

Mas veja-se que, em tal hipótese, não seria o espírito de um desencarnado que estaria a materializar-se, mas sim o perísprito de um encarnado que estaria, por vontade desse, tomando a forma de um desencarnado.

Com base nos resultados de De Rochas, interpretamos que os “fantasmas” azul e vermelho seriam duas metades (como dito, nada impedindo que cada uma dessas metades também se apresente subdividida, etc.), nas quais se subdivide o perísprito.

Por analogia com o espectro eletromagnético visível, diremos que a metade azul é aquela de frequência mais alta (mais alta energia) e que tem maior afinidade com a alma, e que a metade vermelha é aquela de mais baixa frequência (mais baixa energia) e que tem, portanto, maior afinidade com o corpo físico. Assim, a metade vermelha, de mais baixa energia, seria aquilo que muitas vezes tem sido

conceituada como o duplo etérico (ou etéreo), sendo nada mais do que uma das partes (a mais densa) do perispírito.

O chamado duplo etérico seria, na concepção de alguns, não uma parte do perispírito, mais sim “um campo energético apropriado, entre o perispírito e o corpo físico [2]”.

Não obstante, concordamos com a proposição de Melo [3]:

*(...) podemos considerar o duplo etérico como uma extensão do perispírito e não necessariamente um agente destacado e independente daquele; seria como que uma das “camadas” do perispírito que, por suas funções de interligação do perispírito propriamente dito com o corpo físico, retém uma maior quantidade fluídica de consistência organomolecular (fisiológica) que psíquica.*

O fato do perispírito desdobrar-se, num primeiro momento, em duas “partes” de diferentes níveis vibracionais (as quais apresentam-se, para o espírito desdobrado, ou para um médium vidente, como possuindo diferentes cores) bem como o fato de, não obstante não ser visível para o espírito não desdobrado, o perispírito refletir-se em um espelho (obedecendo, pode-se supor, a todas as leis da reflexão) mostra que o mesmo (perispírito) é (ou pode ser) perfeitamente analisável do ponto de vista físico.

Além disso, visto que (com base nas constatações precedentes) o perispírito possui (ou pode ser descrito como tendo) propriedades ondulatórias, nada obsta a que se conjecture que a famosa dualidade “partícula-onda” já estabelecida para as radiações eletromagnéticas em geral, seja também válida para a matéria quintessenciada que constitui o perispírito. Logo, a mecânica quântica (ou uma forma modificada dela) pode, em princípio (também aqui estamos a conjecturar) ser empregada para estudar-se/descrever-se/prever-se as propriedades físicas do perispírito.

## REFERÊNCIAS

- [1] A. de Rochas, *As Vidas Sucessivas*, Lachâtre, Bragança Paulista, 2012.
- [2] J. Andréa, citado em J. Melo, *O Passe - seu estudos, suas técnicas, sua prática*, 7ª ed., FEB, Brasília, 1992, p. 75.
- [3] J. Melo, *O Passe - seu estudos, suas técnicas, sua prática*, 7ª ed., FEB, Brasília, 1992, p. 76.